

# O PAPEL DO "FLUXO CIRCULAR" NA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE SCHUMPETER

*Antonio Carlos de Azevedo Lobão*<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

O "fluxo circular" tem sido apresentado como uma construção teórica básica na análise do sistema econômico, efetuada por Schumpeter, a partir da qual se pode explicar o impacto da inovação sobre a dinâmica da economia capitalista, bem como entender os conceitos de capital, lucro, empresário e crédito que, para este autor, têm significados bastante originais. É uma situação de equilíbrio, para a qual tende a vida econômica, que, embora abstraia o papel fundamental que o processo de inovação tem sobre a dinâmica do capitalismo, nos permitiria apreender os mecanismos de reprodução do sistema, além de suas características básicas, dentro do enfoque schumpeteriano.

O objetivo desse artigo é discutir a real importância do "fluxo circular" na teoria de Schumpeter, na qual ocupa, a meu ver, papel meramente auxiliar, servindo muito mais como contraponto e para ressaltar a importância das inovações para o desenvolvimento econômico do que para explicar qualquer aspecto fundamental do sistema capitalista.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FACECA/PUCCAMP). Mestrando em Política Científica e Tecnológica pelo Instituto de Geociências da UNICAMP.

## O "FLUXO CIRCULAR"

Trata-se de um "Estado organizado comercialmente, no qual vigoram a propriedade privada, a divisão do trabalho e a livre concorrência" (Schumpeter, 1912:10). Além dessas premissas, acrescenta-se a inexistência de incertezas quanto ao futuro, uma vez que o sistema não apresenta mudanças estruturais de quaisquer natureza, sendo a atividade econômica caracterizada por práticas rotineiras e já conhecidas pelos agentes econômicos.

Não é, no sentido estrito, uma situação de equilíbrio estático pois, embora nesse modelo não se apresentem mudanças qualitativas ou quantitativas relevantes, ele comporta as adaptações decorrentes de variações no nível de consumo, população e mudanças nas preferências dos consumidores. Não obstante, o que é fundamental é que essas adaptações não implicam nenhuma "revolução produtiva" (Schumpeter, 1912:46), ou, ainda, "*o que importa é que as variações verificadas nos dados... sejam suficientemente contínuas ou friccionais para que a absorção de seus efeitos não provoque convulsões no sistema*" (Possas, 1987:170-1). No "fluxo circular" o sistema econômico estará sempre vinculado ao "estado precedente dos negócios", não havendo, portanto, modificações arbitrárias por iniciativa de seus agentes.

Nesse quadro, Schumpeter detecta uma tendência de equilíbrio geral por parte dos agentes econômicos bastante próxima daquela preconizada através da livre manifestação da "lei da oferta e da procura".

As características do "fluxo circular" guardam muitas semelhanças com aquelas estabelecidas para uma sociedade mercantil simples, no sentido marxista, onde pequenos produtores independentes

trocam valores de uso e onde a oferta cria sua própria demanda (Lei de Say). Nesse sentido, duas afirmações do autor são bastante elucidativas. Quanto à produção de valores de uso como fim em si mesmo: *"a atividade econômica pode ter qualquer motivo, até mesmo espiritual, mas seu significado é sempre a satisfação de necessidades"* (Schumpeter, 1912:14). Quanto à capacidade da oferta na criação da demanda: *"Segue-se pois que, em qualquer lugar do sistema econômico, uma demanda está, por assim dizer, esperando solícitamente cada oferta e que, em nenhum lugar do sistema econômico, há mercadorias sem complementos, ou seja, outras mercadorias em posse de pessoas que desejam trocá-las pelos bens anteriores, sob condições empiricamente determinadas"* (Schumpeter, 1912:12).

Uma vez que a busca da satisfação das necessidades é o objetivo primeiro do sistema produtivo, que o mesmo não apresenta modificações substanciais e, portanto, que os produtores detêm o conhecimento empírico para determinar as quantidades a serem produzidas bem como as combinações produtivas mais eficientes para tal, a atividade econômica tende a ser rotineira e a ação dos agentes (produtores e consumidores), sob a livre concorrência, termina, dentro dessa ótica, por levar a uma situação de equilíbrio.

Outra característica fundamental desse modelo é que o processo produtivo não representa criação de valor mas, apenas e simplesmente, sua transferência dos fatores de produção aos produtos. Além disso, dois são os fatores produtivos: terra e trabalho.

Ao contrário dos fisiocratas, que atribuem à terra o papel de fator de produção fundamental, e dos economistas clássicos, que dão ao trabalho essa precedência, para Schumpeter ambos estão no mesmo plano, ou seja, terra e trabalho são os fatores produtivos originais, a

partir dos quais, todos os outros bens podem ser obtidos. A sociedade estaria composta, assim, por proprietários de fatores de produção (terra e trabalho) que, por outro lado, também são consumidores.

Nestes termos e, sob a livre concorrência, os proprietários de fatores de produção serão remunerados em função da produtividade marginal da terra e do trabalho e o valor dos fatores utilizados transferido para os produtos. Assim sendo, a remuneração dos trabalhadores e proprietários de terra será igual ao valor da produção. As relações de troca se incumbem da alocação dessa renda entre os diversos agentes.

As transferências de renda e de bens e serviços dentro do "fluxo circular" poderiam ser esquematizadas da seguinte forma: num primeiro momento os proprietários dos fatores produtivos (famílias) colocariam à disposição das empresas terra e trabalho, pelos quais perceberiam rendimentos equivalentes ao valor transferido aos bens e serviços produzidos. Por outro lado, as famílias cumprem também o papel de consumidores desses mesmos bens, transferindo seus rendimentos novamente às empresas, na forma de pagamentos pelos produtos ou serviços adquiridos. Com esse dinheiro, as empresas adquirem novamente fatores produtivos, recomeçando o processo e assim sucessivamente. Dessa forma, tudo o que é produzido é vendido e todo valor dos fatores produtivos empregados no processo produtivo é integralmente transferido aos produtos, sendo que, através das relações de trocas, retoma aos primeiros proprietários.

Considerando-se ainda o alto grau de previsibilidade do sistema, o conhecimento empírico dos agentes e a livre concorrência existentes, fica evidente a tendência do sistema ao equilíbrio. Fecha-se, assim, o "fluxo circular".

Mas alguns outros aspectos merecem ser mencionados. O primeiro deles é o fato de que Schumpeter, ao contrário dos neoclássicos, desconsidera o capital como fator de produção. Aliás, no "fluxo circular", o capital, no sentido comum do termo, inexistente. Isto decorre de uma dedução lógica: se todos os rendimentos acabam se convertendo em salários e renda da terra, e todos os bens produzidos terminam nas mãos de proprietários de terra e dos trabalhadores, não há, nesse esquema teórico, possibilidade de surgimento de nenhuma outra classe no sistema econômico. Em outras palavras, na medida em que o capital é visto apenas como meio de produção, no seu sentido físico, e resultante de uma combinação de terra e trabalho, não há porque considerá-lo de forma diferente de qualquer bem de consumo. Se, em condições de livre concorrência, a empresa recebe apenas e tão somente o correspondente ao valor do trabalho e da terra empregados, não existe uma remuneração do capital, nem capitalistas enquanto classe.

Além disso, a previsibilidade do sistema e a contínua repetição de atividades e combinações produtivas rotineiras eliminam, quase que integralmente, o risco na atividade econômica. Da mesma forma, não faria sentido, a qualquer homem racional, se privar de um consumo presente em prol de um consumo futuro. Ou seja, não existe, também por esses prismas, qualquer justificativa para a existência do lucro. É certo, entretanto, que desajustes setoriais ou mudanças em algumas variáveis (crescimento populacional, mudanças nos gostos e preferências etc.) podem permitir o surgimento de lucros momentâneos ou "windfall gains". Não obstante, como foi dito anteriormente, o "fluxo circular" não é totalmente estático e a própria lei da oferta e da procura acaba por restabelecer o equilíbrio geral.

Diante do exposto, podemos concluir que o dinheiro, nesse sistema, cumpre apenas a função de facilitador das trocas, não tendo nenhum papel enquanto reserva de valor. Também os juros não têm qualquer razão de ser num modelo em que não existem riscos, em que toda atividade é previsível e onde o tempo não cumpre qualquer papel importante. Outro elemento, o crédito, não possui qualquer relevância econômica, a não ser substituir o dinheiro, enquanto facilitador das trocas, até que um período de produção se concretize.

Estão estabelecidas, assim, segundo Schumpeter, as características reprodutivas básicas do sistema capitalista. É sobre esse quadro, e a partir dele, que o autor constrói a sua teoria do desenvolvimento econômico. A introdução da inovação é o elemento perturbador do "fluxo circular". É ela quem estabelece o caráter dinâmico do sistema capitalista. A partir da inovação aparecem o lucro, o empresário, o capitalista, o juro, o capital, os riscos e a incerteza e, finalmente, os ciclos econômicos. Nesse momento, a verdadeira essência do sistema se manifesta. É a esse caráter dinâmico que Schumpeter atribui importância primordial: *"o problema usualmente estudado é o da maneira como o capitalismo administra a estrutura existente, ao passo que o problema crucial é saber como ele as cria e destrói"*. (Schumpeter, 1943:107)

Mais do que uma crítica ao caráter estático do equilíbrio neoclássico, a afirmação acima revela a importância que o processo de transformação contínua, intrínseco ao capitalismo, apresenta dentro da análise de Schumpeter. O caráter progressivo do sistema decorrente da introdução permanente de inovações, desloca-o, para sempre, do ponto de equilíbrio e, portanto, representa a verdadeira essência do mesmo. As inovações, embora façam parte da dinâmica interna do sistema, representam, desta forma, rupturas com situações

anteriormente existentes, que, ao se disseminarem continuamente pela estrutura produtiva, terminam por revelar o caráter cíclico do capitalismo.

As inovações são, para o autor, o fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico, representado, em última instância, por alterações nas combinações dos fatores produtivos empregados (terra e trabalho). Introduzir inovações pode significar, assim, a introdução de novos bens ou de uma nova qualidade num produto existente, a introdução de um novo método produtivo, na maioria das vezes decorrente de descobertas científicas novas, a abertura de novos mercados, a conquista de novas fontes de matérias-primas ou as mudanças na forma de organização da indústria como, por exemplo, a obtenção de uma situação de monopólio.

O agente fundamental do processo é o "empresário", aqui entendido não como o dirigente de empresa, o gerente ou o industrial, que simplesmente opera um negócio estabelecido, mas sim como o realizador ou o introdutor de novas combinações produtivas. O empresário é, para Schumpeter, um empreendedor, o verdadeiro portador das inovações, podendo ou não ser o proprietário ou o gerente da firma, ou até mesmo um inventor. O conceito de empresário está, dessa forma, relacionado com a introdução de inovações e não com o papel que o indivíduo desempenha na estrutura econômica. É óbvio, entretanto, e o próprio autor reconhece, que, no capitalismo moderno, esse papel tende a ser, cada vez mais, ocupado pelos engenheiros e cientistas dos laboratórios de P&D das grandes empresas oligopolistas (Schumpeter, 1943).

Mas, como vimos anteriormente, não existem lucros no "fluxo circular". De onde vêm, então, os recursos ou o poder de compra adicional necessários para a aquisição dos meios de produção a

serem utilizados nas novas combinações? Embora, em parte, esses recursos possam provir de novas alocações dos fatores de produção anteriormente empregados, não é essa a regra comumente utilizada, principalmente se considerarmos que grande parte das inovações deriva, não de firmas já instaladas, mas de novas empresas que se constituem para introduzir a inovação.

Schumpeter apresenta a resposta a essa questão a partir da introdução de um dos pilares sobre o qual se assenta a dinâmica progressiva do sistema, o crédito. Com o crédito, surgem ainda as figuras do capitalista e do capital.

O empresário recorre assim, aos capitalistas, normalmente banqueiros, que, em função da capacidade dos bancos de "criar dinheiro", fornecem os recursos adicionais necessários para a implantação das inovações. O capital é definido, dessa forma, como os recursos empregados, via crédito, para a viabilização do processo inovativo, e o capitalista como seu agente viabilizador.

Assim sendo, a inovação introduz a incerteza no sistema econômico, na medida em que representa uma ruptura com a situação vigente. Com a incerteza surgem os riscos e os juros, além do fato de que o tempo passa a ser elemento essencial na vida econômica. As premissas básicas do "fluxo circular", dessa forma, caem por terra.

A introdução de inovações representa ainda uma profunda transformação nas características da concorrência implícitas no "fluxo circular":

"Tão logo a concorrência de qualidade e esforço de venda são admitidos no recinto sagrado da teoria, o fator variável do preço é apeado da sua posição dominante. Nada obstante, é ainda a concorrência, dentro de um conjunto rígido de condições invariáveis,

métodos de produção e particularmente de formas de organização industrial, que continua praticamente a monopolizar-lhes a atenção. Mas, na realidade capitalista e não na descrição contida nos manuais, o que conta não é esse tipo de concorrência, mas a concorrência de novas mercadorias, novas técnicas, novas fontes de suprimento, novo tipo de organização ( a unidade de controle na maior escala possível, por exemplo) - a concorrência que determina uma superioridade decisiva no custo ou na qualidade e que fere não a margem de lucros e a produção de firmas existentes, mas seus alicerces e a própria existência."(Schumpeter, 1943:107)

Nessa crítica à teoria econômica tradicional (neoclássica), Schumpeter identifica as transformações na lógica da economia capitalista. O eixo central da concorrência se desloca dos preços para a qualidade dos produtos, para a política de vendas, etc., ou, em outras palavras, para a capacidade de inovar. Revela-se assim, o caráter progressivo do sistema, sua verdadeira natureza, seu impulso para a destruição das estruturas obsoletas e ultrapassadas e para a criação de novas estruturas, de novas formas de produzir. A esse impulso, o autor denomina como "destruição criadora".

Com os recursos obtidos junto aos capitalistas, o empresário empreendedor constrói novas fábricas ou implementa transformações radicais nas existentes. Para tanto contrata trabalhadores, adquire novas máquinas, matérias-primas etc., aumentando a demanda sobre o setor de bens de produção, que, por sua vez, também contrata mais trabalhadores. O aumento da massa salarial e os lucros ocasionais, ocorridos no setor de bens de produção, vão provocar aumentos na demanda por bens de consumo e a conseqüente elevação nos seus preços.

A esse movimento inicial agregam-se as decisões de investir de outros setores da economia, muitas vezes distantes do setor onde ocorre a inovação, mas que vêem oportunidades de ganhos, na medida em que a expansão da economia e da demanda pode lhes proporcionar aumentos nas taxas de lucros. São, na visão do autor, "bolhas especulativas", muitas vezes decorrentes de uma visão equivocada quanto à continuidade do processo de crescimento. Embora possam, nesse período, obter lucros, os quais Schumpeter denomina "windfall gains", muitos deles perecerão quando as inovações forem lançadas no mercado.

Esses elementos constituem a fase de expansão do ciclo, a "prosperidade", dentro da visão schumpeteriana, na qual uma onda "primária", decorrente das decisões de investimentos inovativos impulsiona uma onda "secundária", que, embora possa ter efeitos mais visíveis e até quantitativamente maiores, está subordinada à primeira. Nestes termos, Schumpeter se aproxima dos conceitos keynesianos de multiplicador e acelerador dos investimentos, com uma importante distinção: sob a ótica schumpeteriana, apenas a inovação pode romper com a situação existente e disparar o processo de crescimento.

A introdução das inovações no mercado provoca a reversão cíclica, uma vez que as empresas inovadoras, com melhores preços, produtos de maior qualidade, etc. conseguem vantagens competitivas substanciais frente a suas concorrentes que não inovam, fazendo com que muitas destas acabem por não conseguir sobreviver. Além disso, a maturação dos investimentos inovativos age de forma negativa sobre a demanda do setor de bens de produção que, vendo esgotadas as encomendas, acaba por dispensar trabalhadores. Revertem-se, assim, os fatores que levaram

ao crescimento anterior. É a fase da "recessão", onde, além da queda quantitativa da demanda, temos ainda modificações qualitativas, os novos produtos, os novos padrões de qualidade dos mesmos, novos processos produtivos, novas matérias-primas etc., distintos do período anterior e fundamentais para a conquista ou manutenção de mercados.

Todos os efeitos dos erros de decisões e da especulação se manifestam nessa fase. Aqueles que não inovaram, ou sequer imitaram as inovações, vêem suas taxas de lucro declinarem, seus mercados reduzirem, seu crédito cortado, estoques de produtos encalhados aumentarem, ou seja, vêem sua própria sobrevivência ameaçada. A intensidade da recessão pode desembocar numa terceira, e depois, numa quarta fase do ciclo, a "depressão" e a "recuperação" (tendência do sistema em atingir um novo patamar de equilíbrio). Mas essa situação de equilíbrio alcançada será sistematicamente rompida através do surgimento de novas inovações, que propiciarão num novo período de crescimento, e assim sucessivamente.

Nesse quadro, a antiga estrutura produtiva é destruída, para dar lugar a uma nova, mais competitiva. As empresas inovadoras fortalecem sua posição e obtêm, durante a recessão, ganhos "extraordinários", conceito bastante semelhante ao de "mais-valia extra", apresentado por Marx, conseguindo, inclusive, em alguns casos, um monopólio temporário, até que a inovação se dissemine entre seus concorrentes.

Mas, se Schumpeter e Marx concordam quanto ao caráter progressivo do sistema e quanto ao papel das inovações na geração de lucros "extraordinários", ambos divergem substancialmente no que se refere às práticas concorrenciais numa situação de oligopólios. Enquanto Marx vê na concentração do capital e na formação dos

grandes oligopólios um abrandamento na concorrência, Schumpeter acredita que, sob as condições de oligopólio, o processo de inovação se vê facilitado, o que significa dizer que a concorrência tende a exacerbar-se.

Essa visão de Schumpeter confronta também com a posição neoclássica, que identifica, nas práticas oligopolistas, elementos restritivos à concorrência, como a formação de cartéis, a rigidez nos preços, a manutenção sistemática de capacidade ociosa, que poderiam inibir o processo inovativo.

Dentro da ótica schumpeteriana, o oligopólio produziria efeitos inversos, ou seja, os oligopólios são, em sua essência, indutores da inovação. A instalação de gigantescos departamentos de P & D, a capacidade de mobilizar recursos e canalizá-los para o desenvolvimento de tecnologias, a possibilidade de trabalhar em grandes escalas, a capacidade de negociar com fornecedores, de obter taxas de juros mais baixas, por exemplo, são alguns dos fatores que determinam a tendência de aceleração no ritmo de introdução de inovações e demonstram a superioridade das empresas oligopolistas no processo inovativo.

Em resumo, a verdadeira natureza do capitalismo não pode ser observada a partir de seus aspectos reprodutivos, como aqueles representados no "fluxo circular". Isto porque a essência do sistema está na sua capacidade de se modificar, de destruir velhas estruturas e de criar novas, continuamente. É nesse sentido que o autor define a inovação como fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico e o processo de "destruição criadora" como seu impulso dinâmico.

## 2. CONCLUSÃO

Até que ponto o "fluxo circular" reflete a natureza do sistema econômico? Em que medida a sua existência contribui para a consolidação de uma teoria do desenvolvimento econômico?

Qualquer tentativa de se procurar interpretar a realidade da vida econômica a partir do "fluxo circular" parece-me condenada ao fracasso. As premissas estabelecidas para sua existência e suas características fundamentais (ausência de incertezas, livre concorrência, abstração do tempo, atividades rotineiras, Lei de Say, inexistência de riscos, de lucros, de juros e do capital, etc.) se mostram tão incompatíveis com a mundo capitalista real que qualquer interpretação da realidade a partir das mesmas é, no mínimo, inconsistente.

Por outro lado, o próprio Schumpeter reconhece as limitações do "fluxo circular", na medida em que coloca a inovação como o fenômeno fundamental do sistema econômico. Ou seja, o sistema capitalista tem um caráter eminentemente progressivo, onde a contínua introdução de novas combinações produtivas (introdução de novos produtos, de novos métodos de produção, abertura de novos mercados, novas fontes de matérias-primas, novas formas de organização da indústria), isto é, de inovações, determinam a dinâmica do sistema. Nesse sentido, as inovações, além de refletirem a própria essência do capitalismo, fazem parte da dinâmica interna do mesmo.

Ora, se a essência do sistema é a sua tendência ao contínuo desenvolvimento, e a inovação seu fenômeno fundamental, não existe sentido aparente de buscar a "natureza" do modo de produção

capitalista, mesmo que sejam apenas seus mecanismos reprodutivos, num modelo que abstrai esses dois elementos.

Resta-nos a hipótese de que o "fluxo circular", semelhante ao esquema de "reprodução simples" de Marx, possa ser uma construção teórica auxiliar no entendimento das leis gerais do funcionamento do capitalismo. Mas, diferente deste autor, que elabora uma construção lógica que nos permite diferenciar uma sociedade mercantil simples da sociedade capitalista, ou ainda, a divisão social do trabalho da divisão manufatureira do trabalho, e, com isso, possibilita a apreensão dos mecanismos fundamentais da reprodução e evolução do sistema econômico, Schumpeter se limita, apenas, a descrever o "fluxo circular".

A transformação de uma sociedade produtora de valores de uso (M-D-M) para uma produtora de valores de troca (D-M-D') não acontece dentro do esquema schumpeteriano. Dessa forma, o "fluxo circular" talvez pareça mais apropriado para explicar as práticas econômicas de um vilarejo da Europa Central, durante a Idade Média, do que a dinâmica capitalista moderna.

Mesmo sob o enfoque da tendência natural do sistema ao equilíbrio, o "fluxo circular" muito pouco tem a acrescentar. Embora o sistema capitalista possa tender a uma situação de equilíbrio, a introdução de inovações como fenômeno fundamental faz com que essa nova situação de equilíbrio não seja a mesma que a precedente. Ou seja, o desenvolvimento econômico implica numa tendência do sistema a convergir não para um "fluxo circular" mas para uma série interminável de fluxos circulares sobrepostos e diferentes entre si. Em outras palavras, equivale a dizer que o sistema tende não ao equilíbrio, mas sim ao desequilíbrio permanente (introdução contínua de inovações).

Nesse sentido o "fluxo circular", além de não explicar os mecanismos reprodutivos do sistema, também não reflete nenhum aspecto fundamental do mesmo, aparentando ser apenas uma construção teórica auxiliar que é, em seguida, abandonada e cuja única função no arcabouço schumpeteriano é de ressaltar a importância das inovações enquanto fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico.

### 3. BIBLIOGRAFIA

MARX, K. (1867) *O Capital*, Col. Os Economistas, Nova Cultural, 2.ed, São Paulo, 1985.

POSSAS, M. L. (1987) *A dinâmica da Economia Capitalista: uma abordagem teórica*, Brasiliense, São Paulo, 1987.

SCHUMPETER, J. A. (1912) *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, Col. Os Economistas, Abril Cultural, São Paulo, 1983.

SCHUMPETER, J. A. (1939) *Business Cycles*, Porcupine Press, Philadelphia, 1982.

SCHUMPETER, J. A. (1943) *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1961.